

Notas sobre “A Arte da Vida” de Zygmunt Bauman

Rafael Bianchi Silva* & Joana Sanches-Justo***

Resumo

O propósito do presente trabalho é produzir algumas considerações a partir da obra “A Arte da Vida” de Zygmunt Bauman. Neste texto, o autor faz um contraponto entre a vida e a arte enquanto aborda a temática da busca da felicidade na sociedade contemporânea, marcada pela frustração em um contexto que se transforma a todo o momento e faz com que o indivíduo tenha que se flexibilizar para dar sentido ao mundo e, conseqüentemente, à sua própria vida. A partir destas colocações, considera-se a posição do artista como uma postura que propicia novas condições de vida e mais do que isso, uma nova política de prazeres que ultrapassa a dimensão individual-hedonista própria da sociedade de consumo.

Palavras-chave: Arte da Vida, Felicidade, Zygmunt Bauman, Contemporaneidade.

Abstract:

The purpose of this study is produce some reflections about the book called "The Art of Life" by Zygmunt Bauman. In this paper, the author makes a contrast between life and art like at the time that discuss the theme of pursuit of happiness in contemporary society, marked by frustration in a context that transforms every moment and makes the individual has to be flexible to give sense of the world and, consequently, his own life. From these statements, we consider the position of the artist as a posture that provides new conditions of life and more than that, a new politics of pleasure that goes beyond the hedonistic individual dimension of consumer society.

Key words: Life's art, Happiness, Zygmunt Bauman, Contemporaneity.



* **RAFAEL BIANCHI SILVA** é doutorando em educação (Unesp/Marília), professor Faculdade Uninorte, da Faculdade Pitágoras e do Professor Colaborador do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Estadual de Londrina.



*** **JOANA SANCHES-JUSTO** é Psicóloga, Doutoranda em Psicologia e Sociedade (Universidade Estadual Paulista, Unesp/Assis). Especialista em práxis e discurso fotográfico (Universidade Estadual de Londrina, UEL). Docente da Universidade do Oeste Paulista, UNOESTE.



Foto: Joana Sanches-Justo

O objetivo desse breve artigo é tecer considerações acerca da arte da vida, a partir da obra de mesmo nome escrita por Zygmunt Bauman que discorre sobre a problemática da felicidade na sociedade de consumo contemporânea. Ao longo do artigo fazemos uma breve análise sobre o indivíduo enquanto artista da vida e as diferentes gerações, cada qual com seu modo particular de ser artista; a segunda nota aponta para o problema da felicidade e seus paradoxos na sociedade de consumo.

1. Protagonizando a arte de viver

Em “A arte da vida”, Bauman (2009, p.72) compara o protagonismo na vida com a autoria de uma obra artística: “a vida é uma obra de arte”. A partir desta proposição, é realizada a reflexão sobre a possibilidade de moldar a vida, e consequentemente, o mundo, através de escolhas que circunscritam nosso destino em um contexto de incertezas. Escolhas tais que nos levam a construir uma identidade particular e única, moldada a cada encruzilhada, a cada pincelada do artista na tela da vida. A identidade, que não é dada *a priori*, precisa ser construída tal como uma obra de arte,

fazendo do indivíduo o artista de sua própria vida.

O autor faz ainda um contraponto entre a forma como diferentes gerações traduziriam a vida em arte: os velhos provavelmente estariam atentos à criação de obras perenes que pudessem fazer com que os valores nelas impressos transcendessem a passagem do tempo. Os jovens, transcendendo passado e futuro para concentrarem-se somente no presente, criariam a arte da vida sob a forma de “instalações” perecíveis, mutáveis, fugazes como o tempo que vivenciam.

Para as gerações mais jovens é inútil planejar e estruturar a vida de forma a manterem-se em uma rota planejada, pois o mundo encontra-se em constante mudança. Portanto, cada momento é único e deve, portanto, deve ser aproveitado no máximo das suas possibilidades. Nasce uma nova versão do hedonismo relacionado, desta vez, com a ética do consumo (discutidos adiante).

Por essa razão, “um momento desprazeroso é um momento perdido” (BAUMAN, 2009, p.76), pois se não podemos desfrutar o prazer agora,

tampouco podemos assegurá-lo no futuro. Se nada pode ser garantido no futuro, o que resta é deixar-se levar pela vida, à deriva, tomando atitudes na medida em que as situações exigem. Encontramos aqui, a chamada geração *no future*: se por um lado, há uma proteção das incertezas do mundo, vive-se uma condição sem futuro, presente ou passado, uma desterritorialização da própria história.

Entretanto, a sensação constante de pressa decorrente da velocidade com que o mundo se transforma faz com que seja impossível estar simplesmente à deriva. Os artistas da vida precisam exercer a sua criatividade e “dar um empurrãozinho” para que as coisas aconteçam. Cada geração tem seu próprio modo de “fazer acontecer”, o que cria diferenças e até mesmo alguns conflitos intergeracionais.

A idéia de geração (como uma representação das idéias, visão de mundo, maneiras de agir, etc) surgiu na época da segunda guerra mundial e, como não poderia ser diferente, da geração deste período.

A Grande Guerra destituiu o modo de pensar e de agir que fundamentava a vida das pessoas até aquele momento: a eficácia da ciência e da tecnologia, a liberdade de pensar por si mesmo (advinda do Iluminismo), a responsabilidade pelo mundo¹. Contudo, os sentimentos de perfeição e controle experimentados no início do século XX, criado pelo avanço científico e tecnológico, deram lugar a um massacre imprevisível. A dualidade trazida pela Grande Guerra, o antes e o depois, perpassa a idéia de **geração**. Pensar em diferentes gerações significa

inferir que algo **era antes, mas não o é agora**.

Destilado a partir dos frascos da experiência subjetiva e depois transformado numa lente para examinar de perto o mundo “lá fora”, esse conceito pôde ser empregado (e de fato o foi) para traçar as linhas separando o “nós” de “eles” (BAUMAN, 2009, p.83).

A ruptura entre o que pensamos “nós” e o que pensam “eles” ocorre na tentativa de compreender e ser compreendido em meio à fragmentação da vida. Para quem vive as transformações, existe uma quebra da rotina, um desconforto; para a geração seguinte que já incorporou tais mudanças à sua rotina, elas nada mais são do que o habitual. Da mesma forma, o que é vivenciado por alguns com naturalidade, pode ser desconcertante, perplexo ou até mesmo abominável para outros.

Como resultado, as gerações mais velhas e mais novas percebem-se com estranhamento e temor. Segundo Bauman (2009), o temor sentido pela geração mais velha é o de que os jovens destruam ou não valorizem tudo o que lutaram tanto para construir; a geração mais jovem, por sua vez, anseia por corrigir o que os primeiros arruinaram. Neste cenário, tanto a geração mais velha quanto a mais nova estão insatisfeitas com o mundo em que vivem e com o modo de agir da outra geração.

Os jovens são “fúteis e banais”; os adultos, não conseguem fazer “as coisas direito”. Enquanto a geração mais velha preza o trabalho árduo, os jovens se concentram na forma com que se faz o trabalho, já que uma idéia “do agora” não será magnífica por muito tempo. Os mais velhos desenham um cenário para seguir na vida; os jovens não vêem sentido em tal planejamento, pois se o

¹ Isso pode ser visto, por exemplo, na crítica executada por Adorno e Horkheimer no livro “A Dialética do Esclarecimento” (1985).

conhecimento adquirido hoje pode não servir amanhã, o que se preza é a **flexibilidade**, a capacidade de descartar uma idéia e se concentrar em outra diferente ou oposta.

Vivendo como artistas – que potencialmente podem criar obras grandiosas que sobrevivem ao tempo ou criando instalações perecíveis –, cada geração constrói seu modo particular de perceber e de interagir com o mundo. Independentemente dos diferentes pontos de vista de cada um, estamos mergulhados em um mundo que se transforma a cada momento e a busca pelo sucesso, pela paz e pela felicidade tem que ser inventada e reinventada tal como as releituras que o artista faz ao criar novas obras.

Segundo Bauman (2009), a vida é uma obra de arte que muda constantemente, se atualiza e ganha novos significados. O artista da vida, por sua vez, na tentativa de criar uma obra satisfatória, revela sua incessante busca pela felicidade. Haveria um caminho único para atingi-la?

2. A busca pela felicidade

Os debates acerca da felicidade são realizados a partir da crítica da sua vinculação com o aumento da renda da população. Tal correlação apenas existe quando se faz necessário suprir necessidades básicas de existência, o que evidencia uma frustração crescente vinculada com a adesão a um modelo societário voltado para o consumo de diferentes tipos de objeto (ou mercadorias).

A frustração acontece quando nos damos conta de que cerca da metade do que consideramos crucial para a felicidade humana não pode ser adquirida dentro da lógica de mercado. “Qualquer que seja a sua condição em matéria de dinheiro e crédito, você não

vai encontrar num shopping o amor e a amizade, os prazeres da vida doméstica, a satisfação que vem de cuidar de entes queridos ou de ajudar um vizinho em dificuldade [...]” (BAUMAN, 2009, p.12).

Por essa razão, o que chamamos de “felicidade subjetiva” não pode ser medida através de uma escala numérica e, portanto, não é identificada com nenhum objeto de posse ou valor de mercado. Essa miragem construída em nosso tempo fornece àqueles que dela acreditam um prazer fluído que se desfaz dentro da duração da pós-aquisição do bem, ou ainda, a partir da validade da certificação da marca do produto comprado.

Tal característica apontada acima própria da sociedade de consumidores² faz com que a felicidade seja um bem ou uma mercadoria que pode ser obtida em qualquer esquina desde que se tenha condições econômicas para isso. A esperança de alcançar a felicidade se adéqua à expectativa de poder consumir. Há uma relação inversamente proporcional entre o nível de investimento financeiro e o grau de envolvimento com o objeto de consumo. Por conseqüência, podemos afirmar que, em nosso contexto de vida, quanto mais a felicidade pode ser ‘comprada’, menos felizes, potencialmente, nós somos. Por essa razão é necessário calcular o custo-benefício das trocas e o nível de incerteza envolvido.

Essa característica se desdobrará às relações humanas amplamente, em especial, aos compromissos de longo prazo que em épocas de estabilidade deveriam ser mantidos a qualquer

² Para aprofundar esse conceito ver Bauman (2008; 2010); Caniato e Nascimento (2010) e Lipovetsky (2005).

adversidade. Segundo Bauman (2008, p.26), “[...] isso pressagia a possibilidade de se confrontar com algo ainda desconhecido, e com desconfortos inimagináveis, sem uma cláusula de escape que possa ser invocada [...].

Forma-se o **caráter líquido** dos vínculos humanos que desprezam o que Bauman (2010) chama de “laços densos”. Porém, junto com este tipo de ligação, também desprezam os prazeres derivados da própria ação que passa a estar condicionada a obtenção de objetos para o uso individual. Há, portanto, um deslocamento do sentido da vida, que é então orientada para a efemeridade.

Para manter essa lógica em funcionamento, observa-se o desenvolvimento da competição movida pela idéia de exclusividade. Como exemplo desse processo, vemos o nascimento de uma série de restritos clubes de compras no qual são oferecidas oportunidades a qual pode pagar por elas. Nesse sentido, “[...] atingir a felicidade significa a aquisição de coisas que outras pessoas não têm chance nem perspectivas de adquirir. A felicidade exige estar à frente dos competidores...” (BAUMAN, 2009, p.36). O outro é um inimigo a ser combatido.

Por essa razão, cria-se uma concepção perversa de felicidade como uma condição que pode ser atingida por poucas pessoas. A felicidade torna-se impossível ou materializada em um novo produto disponível no mercado. “[...] Se a felicidade pode ser um ‘estado’, só pode ser um estado de excitação estimulado pela incompletude” (BAUMAN, 2009, p.43).

Como consequência, a infelicidade leva o indivíduo a continuar na busca, ainda

que não consiga realizá-la por completo. Nesse sentido, o autor afirma que “[...] o nome que as pessoas escolhem para o jogo do que crêem ser a busca da felicidade [...] é *correr*, não *chegar*” (2009, p.51, grifo do autor).

Atinge-se um campo de incertezas no qual o desconhecido ganha contornos de desapontamento, sofrimento e angústia. Com a queda dos sólidos, do familiar, da divisão entre normal e anormal, ou mesmo da relação entre a felicidade e a ausência de mal-estar, a busca por novos demarcadores sociais do que é ser feliz torna-se elemento de primeira necessidade. Dessa forma, construiu-se a confiança na mão invisível do mercado.

[...] Veio à luz que, para obter satisfação em sua vida, os seres humanos precisam dar, amar e compartilhar tanto quanto precisam tomar, defender sua privacidade e vigiar o que é seu. Para o dilema complexo, cheio de contradições, conhecido pelo nome de condição humana, não parece haver soluções simples, diretas, monotemáticas (BAUMAN, 2009, p.68).

Este ponto, porém, desdobra-se em outro bastante problemático. Se o fim último da felicidade é desconhecido, a avaliação do princípio ético da ação é direcionada ao indivíduo que passa a ser julgado pelas escolhas decorrentes da busca realizada. A vida pessoal ganha lugar de destaque e passa a necessitar de dispositivos de auto-administração³.

[...] Vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, os seres humanos tendem a ser treinados,

³ Mansano (2009) discute a questão ao analisar a vigilância como um dos dispositivos de auto-administração na sociedade de controle. Por sua vez, esse último conceito remete a Deleuze (1996) que mostra a passagem descrita por Foucault da sociedade disciplinar para a sociedade de controle.

preparados, exortados, persuadidos e tentados a abandonar as maneiras que consideram corretas e adequadas, dar as costas àquilo que prezavam e que imaginavam que os fazia felizes, e torna-se diferentes do que são [...] (BAUMAN, 2009, p.68).

Forma-se o que chamamos de individualismo, que pode ser resumido como a “[...] ascensão espetacular da auto-referencialidade egoística, paradoxalmente, caminho de par com uma crescente sensibilidade à miséria humana [...] e as erupções regulares de caridade focalizada (terapêutica) [...] (BAUMAN, 2009, p.57)

Cabe aqui indagar se existem saídas para o mal-estar gerado na relação entre felicidade e satisfação pessoal criada pela lógica de consumo? Como garantir a felicidade individual e, ao mesmo tempo, a manutenção e aprimoramento do coletivo?

3. Considerações finais

Praticar a arte da vida, fazer da sua existência uma “obra de arte”, significa, em nosso mundo líquido-moderno, viver num estado de transformação permanente, auto-redefinir-se perpetuamente tornando-se (ou pelo menos tentando se tornar) uma *pessoa diferente* daquela que se tem sido até então (BAUMAN, 2009, p.99). Diante de uma jornada transitória, em que o certo pode tornar-se incerto em um instante, e a identidade corre o risco de liquefazer-se, o indivíduo torna-se um artista tal como aqueles que encontramos fazendo malabarismos nos semáforos.

Como eles, é preciso que cada artista da vida tenha “jogo de cintura” no manuseio de suas conquistas, trajetórias e planos, pois a constante transformação a qual se submete o artista da vida o impulsiona para o vazio: sem lugar, sem

identidade, sem a segurança de saber o que lhe reserva o futuro.

Por outro lado, o artista da vida, ao conceber-se dentro de uma condição transitória, abre caminho para criar novas formas de viver, de estar e de se apropriar do mundo, de lidar com as rupturas e **construir enfrentamentos**.

Os enfrentamentos são necessários a partir do momento em que nos vemos diante de buscas frustradas e problemas sem solução aparente. Quando a felicidade torna-se mercadoria atada à lógica de consumo, ela está fora de nosso alcance, pois para sermos felizes será preciso comprar cada vez mais aquilo que nos dá prazer.

Na busca pela felicidade, o artista da vida deve, portanto, romper com a lógica do mercado, pois, como enfatiza Bauman (2009), não podemos comprar o que verdadeiramente nos dá prazer: o amor, o carinho, o prazer de ajudar o outro, de fazer um trabalho bem-feito, de assistir o nascimento de seu primeiro filho.

Assim, ao analisarmos as estratégias na busca pela felicidade, devemos ter em vista que tal procura não pode ser entendida como uma “receita” a ser seguida por todos ou como adequação a algo instituído previamente.

Como bem aponta Bauman, “[...] a sociedade pode tornar (e de fato torna) certas escolhas menos prováveis de serem feitas pelos homens do que outras. Mas nenhuma sociedade pode privá-los da escolha” (2009, p.39). Nesse sentido, o que o autor indica como sendo “a arte da vida” está intimamente relacionado com o que chamou de “prazer dos prazeres” que pode ser definido como

[...] o “prazer da ligação”, que deve seu crescimento saudável em igual medida às qualidades do objeto de

seus cuidados e à qualidade dos próprios cuidados. Esse prazer esquivo, mas muito real e extremamente intenso do “Eu-Tu”, do “vivemos um para o outro”, do “somos um só”. O prazer de “fazer uma diferença” que não interessa apenas a você. De causar impacto e deixar a sua marca. De sentir-se necessário – e insubstituível [...]. Esse sentimento só pode vir de um sedimento do tempo, do tempo preenchido com seus cuidados – sendo estes o fio precioso com que se tecem as teclas resplandecentes da ligação e do convívio (p.27-28, grifo do autor).

A criação de estratégias ultrapassa a dimensão individual. Como afirma Bauman (2008b, p.239), é necessário encontrar diferentes discursos que ultrapassem a lógica de que é possível buscar “soluções biográficas a contradições sistêmicas”, ou seja, em experiências particulares, tentamos encontrar soluções para problemas vividos no coletivo, o que pode ser observado, por exemplo, nos múltiplos livros de auto-ajuda encontrados no mercado, ou ainda, na espetacularização do privado no campo das mídias coletivizadas. Dessa forma, novos indicativos podem ser pensados ao realizar a análise da diferença, do

coletivo e suas implicações (o que demandaria novas notas a serem escritas e criadas traçando uma diferente linha de fuga do espaço deste breve artigo).

Referências

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o Consumo: A Transformação das Pessoas em Mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008a.
- _____. **La Sociedad Sitiada**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 2008b.
- _____. **A Arte da Vida**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2009.
- _____. **Capitalismo Parasitário**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- CANIATO, Ângela Maria Pires; NASCIMENTO, Merly Luane Vargas. A Subjetividade na Sociedade de Consumo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. v.6., n.2, 2010.
- DELEUZE, Giles. **Conversaciones (1972-1990)**. Valencia: Letra E, 1996.
- LIPOVETSKY, Giles. **A Era do Vazio – Ensaio sobre o individualismo contemporâneo**. Barueri: Manole, 2005.
- MANSANO, Sônia Regina Vargas. **Sorria, Você Está Sendo Controlado: Resistência e Poder na Sociedade de Controle**. São Paulo: Summus Editorial, 2009.